

Álvaro García de Zúñiga

3 + 8

=

38

com e sem silenciador

(as coisas vêm-se segundo o lugar de onde se ouvem)

38 ideias e medidas desmedidas divididas em partes longas e curtas, pre, re e cortadas de 38 % (o que afinal vem a dar 23,56) sobre a teatral desteatralização do teatro, da cultura em geral, e de FeRandom à Nora Vamos em particular.

I

38 largo

O fim do princípio

Silêncio!

Desculpem. Olá.

Bom: é só para dizer que não há espectáculo. Nem vale a pena desligarem os telemóveis, nada. Não há peça. Se quiserem, pode-se ir até ao bar, beber qualquer coisa e lá eu explico. Ah! Não há reembolsos. Nem pensem no assunto. Não serão reembolsados.

A ver... que mais?... que m...? ...

Nada. Ah! : Isso de explicar: Sabem, o difícil é saber por onde começar...

(...) (Deixem ver...)

(Pega numa 38 Smith & Wesson Special e aponta ao público:)

Não. (...)

(a si mesmo:)

Não, também não. (...)

(Aponta ao cenário que poderia ter sido o mapa de Portugal deitado numa marquesa hospitalar, muito high-tech:)

Não, também não dá. Talvez se...

(Começa um Power-Point que nunca funciona sobre o tal mapa)

Sim, talvez... Mas vão ter que ter paciência. É que não é fácil. Uma coisa é cancelar e outra explicá-lo...

(Verdadeiro show informático de multiplicação de janelinhas, números e curvas estatísticas)

Não é fácil, nada fácil, nem vale muito a pena fazer um ponto da situação. Da situação geral, meu, meu general, social (meu coronel)...

Cá.

Já se sabe. Bom. Não interessa¹.

Didascálicas das Caldas

Vejamos : Chegados aqui, se isto fosse um texto teatral teria uma didascália. Ou mais, umas didascálias. Didascálias, caso não saibam – e claro, como poderão saber se já ninguém pode ir ao teatro, e mesmo quando se consegue ir, vai-se, e acontece que nem sequer há espectáculo... –... Seria prático, assim eu saberia que fazer. Ter didascálias², digo. Isso é que era prático. Agora. Neste momento. Uma coisa do tipo: este movimento, *itálico*, por exemplo. E estaria escrito: *Tal, faz tal movimento*. Em *itálico*, e eu faria tal movimento. Sem *itálico*. Bom, até poderia ser com *itálico*, já o fiz uma vez, mas isso não vem ao caso. O *itálico*, digo. O *itálico* é uma espécie de torre de Pisa orgânica em palco. Não interessa.

O assunto era que se tivesse *itálicos*, não, quero dizer, *didascálias*, se isto tivesse didascálias eu saberia muito melhor o que fazer, como organizar-me, como organizar a coisa. E que o pior ainda, o pior é que tudo o que digo é improvisado. E improvisado assim de improvisado³. Bom, não interessa.

Acho que vou ter que começar por alguns antecedentes, mas cá o abaixo assinalado, o nota de rodapé vai detalhar-vos isso das peças,

¹ Trata-se de uma expressão recorrente. Não interessa.

² Didascálicas são as indicações escritas que acompanham o texto dialogado nas peças de teatro.

³ A *soggeto*: Ao improvisado, assim ao improvisado, faz pensar na *commedia dell'arte* (*arte per arte della memoria*) na qual a “recita a *soggeto*” que é como as vezes era denominada por oposição à comédia erudita. Estas comédias seguiam um “*canovaccio*” – um guião – dentro do qual os actores iam improvisando dentro do esquema prefixado.

das despesas, das des-peças, os flops e os acontecimentos sem que seja preciso pedir-lhe⁴.

Separando as aguas: Xáivo: A origem crítica da crise.

Bom, já disse, vou ter que começar por alguns antecedentes, senão não vão perceber. O imprevisto necessita de preâmbulo, de prolegómenos. Ou sim, seguramente percebem, bom, não interessa. Já perceberam. Não interessa. Vamos então aos antecedentes:

Os ~~pro, gume, lego, lume, mono, pargo, golo, legume, mono, pro, prolegómenos~~. Isso.

A coisa está mal. Está f... horrível. Fhorrível, fhorrível, já se sabe. Já sabem: *Do latin, fhorribilis* – em itálico. Etc..

Para explicar em detalhe, digamos que, se a coisa fosse uma peça de teatro, a tal peça de teatro que deveríamos estar a fazer, por exemplo, então teria imensos personagens. E figurantes. Deveria ter cem, mais, quinhentos, sei lá, mil, não sei, se quiserem até podemos começar a contá-los... Não interessa.

Os figurantes fariam de desempregados. Por exemplo. E os desempregados fariam de figurantes, para mais exemplo. Muito mais, mais de novecentos e cinquenta mil a nove de Maio de dois mil e treze. E depois estariam os outros, os que falam, que não são muitos, mas têm o cachet maior. Já estão a ver não é? Bom, então: Por um lado temos o teatro e a tal peça, enfim, tudo o que tem que ver com isso, e por outro a situação geral, a crise, a política, etc.

O Falcon dos falcões e outros animais: Pombos e Coelhos.

⁴ Acontece que este *não acontecimento*, este flop, que nem chegou sequer à ser uma despesa – porque é isso que não se pode: fazer despesas. E então aquilo – isto – que era para ser uma peça transformou-se paradoxalmente numa des-peça, que é justamente o único tipo de peça que não requer despesas.

Mas vamos começar pelo começo. E o começo começa em Bruxelas, claro. Numa reunião em Bruxelas:

Como todas as semanas, os ministros dos 27, dos 28 – visto que agora já são (somos) 28 os Estados mais ou menos unidos pela União – reúnem-se lá. Eles reúnem-se lá para... Bom, não interessa. Reúnem-se, pronto. E 26 dos tais 27⁵ têm que lá ir. E para lá chegar não se dão bofeia uns aos outros, nada, nem pensar. Como é uma viagem curta e não há muito tempo a perder, cada um dos nossos primeiros ministros vai com o seu próprio Falcon, Bombardier, quando não no seu próprio AirBus, ou o que quer que seja⁶. Bom. Ok. Também não interessa muito.

Preço de cada hora de voo de um bichinho desses?: Falcon 50, 5mil625 €; Falcon 900, 8mil921; e o novinho em folha Falcon 7X de última geração, 7mil877 €ípides por cada horinha de voo⁷.

Como é que eu sei tudo isto? fácil: vai-se ao Google, escreve-se *Falcon, preço de hora de voo*, e no instante aparece uma quantidade de

⁵ 27 dos tais 28.

⁶ Falando justamente disso: não sei se se lembram, mas justamente o único país que durante muitos meses esteve sem governo e por conseguinte não tinha primeiro ministro e poderia ter-se poupado as viagens foi, justamente, a Bélgica. Tem piada, não ?

⁷ Mas o Falcon 7X, em vez de custar os 30 y tal milhões d'€*anios* que custa um 900, custa uma alegre quantia que ronda os 50 milhonaços. Ou seja que para rentabilizar a tal diferença de preço de 1.050 €/hora de voo, dados os tais 20 milhonaços de diferença de preço com o tal Falcon 900, seria necessário voar umas 20.000 horas mais que no outro: um pouco mais de 830 dias: 2 anos e três meses e meio, inteirinhos a voar as 24 horas.

Ah! E alem disto tudo: Algum de vocês sabia, por exemplo, que Portugal tem mais aviões privados – jets, quero dizer, para ser preciso – matriculados que Espanha? Acham que será porque os espanhóis ricos ainda não têm brevet?

informação que não dá para acreditar⁸. Podemos ficar horas como que hipnotizados a ver aviões, aviões em venda, informações de todo tipo sobre o assunto.

Ou seja, com o Falcon 50 : 5mil625. Fazendo uma media de 2 horas: 5mil625 vezes dois 11mil256, vezes 26⁹ da iguaaaaaal aaaaaaa: 292mil500 ida + 292mil500 volta, total 585mil000 Éípides... e caso fosse no avião mais caro a conta passa para 8mil921 vezes 2, 17mil842, vezes 26¹⁰, 463mil892 ida e com a volta: 927mil784 Éípides. Então, sempre medindo pela media de todas estas medias cada reuniãozinha bruxelensis fica em 756.392 €loides só em gasolina aérea, contando talvez a manutenção.

⁸ Cá está, se tivéssemos didascálias, poderia aparecer uma e dizermo nos “aparece um power-point no qual podem-se ver algumas das fontes com informação, sobre o preço da hora de voo, etc.” Só por dar um exemplo:

In vídeo veritas:

<http://secretdefense.blogs.liberation.fr/defense/2010/09/le-coût-des-heures-de-vol-des-appareils-gouvernementaux-de-letec.html>

Enquanto o nosso actor numa calculadora faz o cálculo do preço da viagem de cada ministro para Bruxelas:

5mil625 x 2 horas de media x 27 países, igual 303mil750 ida e 303mil750 volta, ou seja um total de 607mil500 sem voltas, mais isso sim, como diz cá o colega no Falcon 50, que já sabem é o mais baratucho e sem contar nenhum custo adicional, para começar o próprio preço dos avião e também não o dos carros, que só parecem ser usados para o transporte aeroporto – palacete – bunker – aeroporto, nem os beberetes, nem seja o que for, isto tudo pode-se fazer com muita animação, até com vídeos. Uma boa didascália far-nos-ia imaginar tudo o resto:

⁹ 27 e não 26... O colega de cima insiste a esquecer o facto que a nossa Europa cresceu de um pais novinho em folha: os coitados dos croatas. 11mil256 vezes 27, 303.912, vezes dois 607.824.

¹⁰ Outra vez. 17mil842 vezes 27: 481.734 vezes dois 963.468, se até parecem números de um telemóvel ou algo parecido... não fosse o dinheiro que gastam todos estes irresponsáveis na gestão dos nossos rendimentos...

E assim chegámos então a chegada dos primeiros primeiros ministros a Bruxelas, a uma dessas tais reuniões, num dia qualquer, que até poderia ser qualquer dia:

Sistemas nervosos: Cortes confessos.

Os passos do Coelho chegando apressadamente: “- *Estou atrasado! estou atrasado!*”, e nós assistindo à cena surreal, pela RTP interposta, decididamente do outro lado do espelho, como se fossemos uma espécie d’Alice.

Estamos lá a vê-lo e ouvi-lo ser recebido aos beijinhos pela Rainha Vermelha, que depois do sorriso para a foto lhe pergunta: “- *E o que trazes para cortar hoje?* E ele, sem ter tempo para pensar no assunto, ainda atordoado do avião, responde-lhe: “- *Não sei... os... as... A cultura?... o teatro?... O FeRandom à Nora Vamos¹¹?*”... “- *Boa! Assim seja!* – diz ela – *o FeRandom à Nora Vamos: Que lhe cortem a cabeça!*”.

“- *Uf*” – pensou para os seus botões o Coelho já de volta do conselho secando-se a transpiração com a patita – “*desta vez safei-me*”.

(Se for necessário “explicar”, explica-se, explica o colega de cima ao colega do rodapé¹², mais não é: Há coisas que são

¹¹ FeRandom Mora Ramos é um dos líderes do chamado movimento dos suicídio-independentes.

¹² A divisão das fábulas em categorias é simples: há fabulas simples, episódicas e complexas; as simples são as simplesmente episódicas, as episodicamente simples e as episodicamente complexas, o que é simples, depois também há as simplesmente complexas, mas essas são já mais complicadas, bem que ainda não o sejam tanto como as episódica e simplesmente complexas, que são mais complicadas; as simplesmente episódico-complexas, são das mais simples que há, ao contrario das complexamente simples, que são super-complexas, e as complexamente episódicas que são do mais complicado que se possa vir a imaginar. O mesmo da para as personagens (mas não vou repetir). Bem. Há quem diga – como

inexplicáveis¹³.)

Imediatamente o Coelho manda chamar o piegas do Piegas, que já nem se chama assim, que é Xavier mas é o piegas na mesma – não sei se se lembram dele – do piegas, dizia, que aliás, seja ele qual for, é o secretário detestado da cultura (que já quase é *in*, que é o modo *chique* de dizer cultura, in-cultura); e já nem sub-mini-histro era. Nem é.

Então o coelho chama-o e diz-lhe que está tudo uma verdadeira desgraça moura e que depois de ver rever, calcular e recalcular incalculavelmente o desorçamento, a única coisa que se pode fazer é ir já mesmo para a Ajuda e ajudar cortando teatralmente 38% na despesa cultural a todos em geral, e a cabeça ao suicidioindependente FeRandom à Nora Vamos em particular, que de todos modos e seja como for já não há pachorra para o que ele a utiliza. Nem necessidade.

- Cortar por cortar, é melhor cortar nisto.

- Claro. Muito pior seria cortar no entretenimento público massivo, que não só gera mais iva senão até turismo, como o demonstram demonstradamente Las Férias do Filipe, esse verdadeiro Mourinho do teatro com quem seria um luxo, um sonho poder participar numa das suas criações. Com ele é que vai-se descansar na crise, rir da crise e distrair-se em crise. Não como as coisas que fazem os suicidioindependentes que põem as pessoas a pensar e depois coitadas nem conseguem ter prazer nem sequer para apanhar o 38 e ver as vistas da crise pela desgraça moura

diz o Pedro Santana Lopes, que não percebe nada de estas coisas nem de coisa nenhuma, alias – que o importante é o que acontece. E acontece que o que pode acontecer é o seguinte: Primo: que na historia ou na personagem tenha lugar uma mudança de fortuna e que esta ocorra sem vicissitudes ou reconhecimento pessoal. Secundo: que não haja mesmo necessidade ou plausibilidade na sucessão de acções ou na personagem de mudança de fortuna. Terço-eiro: que ocorra uma alteração incidental da fortuna e /ou que esta acompanhe a personagem.

¹³ E verdade, há coisas que são inexplicáveis...

acima.

- Não, será o 28 que diz. O que vai para os Prazeres.

- Não, 38. O eléctrico. Chamado desejo. É 38. É que certas coisas têm que aumentar. E tivemos de aumentar de 28 para 38. Não há outro remédio. Nós já tínhamos dito durante a campanha que íamos fazer tudo para que tal não acontecesse. E tudo fizemos. Incluso mais, fizemos incluso mais do que aquilo que dissemos que íamos fazer e que já era muito. Fizemos muito mais ainda. Mas sabem o que acontece ? Qual é o verdadeiro problema que nós temos ? O verdadeiro problema que temos é que os nossos pobres são ainda muito ricos. Enquanto que, os nossos ricos, são ainda paupérrimos. Veja se não: Quantos dos nossos ricos entram na lista de ricos dos mais ricos da revista Forbes por exemplo? Um? Dois? Tá a perceber?... Enquanto que os nossos pobres nem por assomo é que aparecem na lista dos pobres-pobres como o T'chad ou a Somália ou qualquer outro desses países que têm os seus pretos cheios de moscas a aparecer nas fotos para desenvolver piedade à distância, e até online. O Borges explicou-me bem tudo isso.

- O Jorge Luís ?

- Qual Jorg...? Ouça: Não faça de engraçadinho, olhe que ainda o nomeio secretário de estado da in-cultura.

Automaticamente o engraçadinho é nomeado secretario da incultura, e põe-se imediatamente a secretar¹⁴.

¹⁴ **Secretar.** verbo transitivo, do francês *sécréter*. Produzir uma substancia por secreção.

Não sei vocês, mas eu, sem ter contado, acho que até agora já levamos uma grande quantidade de personagens. Claro, dirão vocês, há muito papel secundário. E os principais, os mais higiénicos, até agora são poucos. E quase que nem se da por eles. É que o problema está no desemprego. Nos, ao que parece, sempre fomos bons nisso, mas agora estamos mesmo entre os melhores do mundo. Agora nem as empresas de ponta, Renova, por dar um exemplo, conseguem empregar os seus próprios

E nesse preciso instante que não tem interesse nenhum é que entra outro eu. O meu outro eu. Ou algum outro dos meus outros eus¹⁵:

A história dos Álváros

Temos dois Álváros envolvidos no assunto. Um acima do outro, abaixo na rua da Emenda, coisa que parece, eles não têm. Na realidade de entre os dois parece nem se consegue fazer um. Emendado. Bom. Não interessa.

Comecemos pelo de cima, que entre tanto, irrevogabilidades de por meio, foi emendado e enviado de volta pr'ó Ca... nadá, já menos Álvaro e mais Pereira. Ele, pelo facto de estar ministro, tinha direito a loft imóvel e telemóvel na dita rua e a ser chamado de sua excelência, apesar de preferir ser simplesmente Álvaro. E o outro, que é simplesmente Álvaro, esse sim preferiria ser chamado de sua excelência, sua alteza real, sua eminência ou, até o que acharia ainda melhor e mais apropriado, sua santidade.

E assim foi que, inacreditavelmente, o Álvaro de Cima, ministra e ad-ministra e anuncia: “- *Finalmente: Habemus Papam*”, a seguir ao qual, o Álvaro de baixo enuncia núncio: “- *Escolhi ser chamado Vito: Il dolce Vito... Mas caso queiram, podem chamar-me de sua santidade. Sou modesto. Descalço. Venho de longe. E todos juntos vamos iremos muito mais longe ainda. V(o)amos pôr tudo isto em órbita*”. “Álváro, Vito, Alvito”, pensa para seus botões o Álvaro de Cima enquanto sobe ao Falcon que o leva para o seu Vancouver não natal.

Piquenique na Relvas

Acontece que, antes de ser Papa, o dolce Vito tinha proposto ao à Nora Vamos escrever uma peça comemorativa do centenário da

desempregados.

¹⁵ Não é verdade. Ele já cá estava. Aliás cá não entra ninguém. Não pode. Não se pode. O que se poderia, no máximo, é inventar qualquer coisa e continuar com a historia de um modo mais narrativo: por exemplo, com a historia dos Álváros.

guerra de 1914-1918.

Nessa peça – que passa-se em Fevereiro de 2014, em Davos –, um louco que se diz chamar Picnirp Olirvag – ou “Pick-Nick” – realiza um massacre comemorativo dos cem anos do célebre atentado de Sarajevo, no qual, em finais de Junho de 1914 um nacionalista jugoslavo sérvio da Bósnia-Herzegovina chamado Gavrilo Princip assassinou o arquiduque de Áustria Franz Ferdinand, o que desencadeou a primeira guerra mundial: A Grande Guerra, que boa falta fazia. E faz.

Tal massacre comemorativo, levado a cabo pelo tal Pick-Nick, visa – na dita peça – a dar cabo de boa parte da “elite” dos nossos dirigentes, que com tanta descomemorativa clarividência parecem dirigir-nos. E para onde.

(Um pequeno parêntesis: Se houvesse didascálias a sério nisto perceber-se-ia perfeitamente que a palavra “elite” que aparece em cima está escrita entre aspas, e não haveria necessidade de dizer: “- Aspas “para onde é que nos está a dirigir nossa magnífica aspas elite, aspas, não é?” Fecha aspas. Não é? Bom, não interessa... De todos os modos, a ideia do Álvaro (entre parêntesis aquele que agora passou a ser chamado de aspas “sua santidade” fecha aspas e parêntesis, vírgula),), era a de que a ideia deste atentado viria a ter a mesma repercussão que teve o de Sarajevo). Fecha o parêntesis que fecha o pequeno parêntesis.)

Eles, os nossos dirigentes, aspas, a elite, aspas, parecem estar a dirigir-nos exactamente lá onde os seus antecessores do século passado o tinham feito em 1914: ou seja à necessidade absoluta de dar cabo de tudo para tapar o facto de que eles, de qualquer modo, já tinham dado cabo de tudo o que estava vivo e mexia.

Gavrilo Princip, vocês perceberam – didascalizando – é o anverso do reverso do nome do personagem de 2014 Picnirp Olirvag. Gavrilo Princip Picnirp Olirvag, Gavrilo Princip - Picnirp Olirvag, Gavrilo Princip - Picnirp Olirvag... E a ideia de uma guerra-efeméride do centenário da grande guerra é uma grande ideia. E não só para uma peça, mas mesmo para uma guerra.

Para uma grande guerra. Mesmo para uma imensa guerra, uma

guerra enorme dessas depois das quais não fica nada, e então os políticos que sobrevivem ou os que aparecem lá ficam com tudo limpinho pela frente por fazer. Ideal para jogar ao Lego que é a única coisa que eles sabem fazer: Brincar a que estão cheios de crédito e de futuro. Negro, fica só o passado. Mais isso, “*não interessa*”....

É que 7 mil milhões não dá. Por um lado. Mas pelo outro, para ter crescimento a serio é preciso cada vez mais gente, e daqui a nada vamos precisar de algo assim como 40 ou 50 mil milhões de contribuintes, e isso sem contar os consumidores. Coisa de ver se chegamos ao *break even* nas contas e assim poder finalmente pagar as dívidas que todos os países têm, ainda que nem saibamos quem é que as detém. Porque alias outra parte do problema consiste em que só conseguimos fazer pagar aos seres humanos. Desumanamente, claro.

Por isso, o ideal então era encontrar algum louco assim, como o tal Pick-Nick que rebente de puro acto/efeméride, em 2014, ou o mais cedo possível, que dava muito jeito a muita gente, com Davos ou com qualquer coisa do género...

Alias bem parece que já há muitos a tentar despoletar uma coisa dessas. Mas sempre fazendo que pareça que foram os outros a começar. Aí é que esta a graça.

Crescimento global

Bom – Boum! – Bom: Quando lhe disseram ao Álvaro da ideia do outro Álvaro pareceu-lhe muito boa e até lhe deu vontade da patentear. Excelente modo de criar emprego: Uma guerra, ainda que seja no palco, é muita fruta.

Não sei se estão a ver, mas o número de actores acaba de aumentar astro e gastronomicamente. É só para que não percam o fio a meada, o Álvaro pensa: O cenário de guerra da peça de guerra tem por onde se lhe pegar: Começaria por uma conferência de imprensa fake, a que se seguiria outra verdadeira que anunciaria

o começo da Guerra 14-18 a partir do tal atentado de Davos que, quer exista quer não, passa pela televisão pelo que toda a gente acredita nele. Como nos filmes. Ou seja tal e qual igual à realidade, que, quando um menos se espera, em lugar de falar de taxas de juros e de jurar que não há cash para tanta dívida, começa a falar-se de arsenais e de perigo iminente. Como foi da “primavera árabe” e agora no verão escaldante Sírio, que já é uma versão bastante mais “in-v-f-erno global” que preanuncia o Outono...

Publicidade

Bom, não interessa. Já vos tinha dito que o Coelho tinha pedido para dar grandes passos nos cortes ao secretário detestado. Pois, aí esta, voltamos já. Não mude de canal.

Enquanto o nosso actor parte para... não interessa... entra a publicidade:

- Vasenol creme Balsemão esta semana no Pingo Doce.

Que, não sei se se lembram, foi para Holanda que lá é que sabem como tratar os contribuintes. É isso sim, interessa.

A publicidade, ja viram e deixaram de ver, dura muito mais tempo do que é legal¹⁶.

¹⁶ Efectivamente: A publicidade dura muito mais tempo do que é legal. E isso sem contar a publicidade que passa aos quadrinhos no meio do chamado “tempo de antena”. Brincando-brincando, as televisões “independentes” conseguem fazer passar mais de uma hora de publicidade ilegal gratuitamente em negro, o que formalmente equivale a – mesmo se for com bálsamo-mão – meter a mão no bolso de cada um de nos. Voltemos a pôr Vasenol: a hora em media de publicidade roubada e cobrada pelo patrão da televisão “independente” significa 21mil 900 minutos por ano. Para não ser usurários como o Shylock fixemos a... digamos 50 € o segundo de publicidade, visto que não nos interessa nada vir a ter escândalos. Estamos a falar de 3000 €akos o minuto. Baratucho mesmo. Isto, multiplicado por 21mil 900 da um bocadinho mais

Subsidiodependência Porta à Portas

O apresentador, já de volta, volta e diz: Uma espectacular equipe de antoniopedrovasconselheiros que garantem a continuidade da vigência do ideal da desgraça moura acaba de sentenciar que subvencionar suicidioindependentes incapazes de sobreviver segundo as leis do mercado é um entrave ao desenvolvimento.

Esses saltimbancos de merda não sabem como encontrar fontes de rendimento: Não sabem – por exemplo – fazer-se eleger deputados. Não sabem inventar polémicas inúteis e alimentar a lengalenga. Nem sequer para putas servem e nem sabem, como nós, evadir-se ao fisco com elegância. Só assaltariam um banco se estivesse escrito num guião. Tratam-se de uma verdadeira desgraça lusa.

Nós, por nosso lado, sabemos comentar e falar de tudo. Fazemo-nos deputados europeus, fazemo-nos nomear em conselhos de administração, somos ministros, multinacionais, vamos à televisão e captamos logo o modo de dizer e até conseguimos dizer sempre aquilo que pensam os donos dos canais de televisão e passamos a ser donos dos donos. *Sic*, e tal e qual mente:

- Quatro canais abertos é um exagero economicamente inviável. Depois ninguém se pode queixar se for preciso algum dinheirinho extra, paralelo, feito no segredo da secretaria, sem o qual não seria possível manter o serviço público (nem a casa na quinta da marinha, as contas offshore ou sequer um miserável Falcon 50 na Portela. Uma vergonha.)

Mas é novo em folha 7X-p-t-o, que o dono do canal empresta ao Coelho que, esta vez acompanhado pelo Vice-Porteiro ad-Ministro para ir dar exemplarmente o exemplo e prestar contas à Rainha Vermelha, que por sua vez está cada vez menos vermelha e mais rainha e por extensão faz o que quer com todo o resto do grupo

de 65 milhões: 65 milhões e 700 mil, se quiserem ser exactos. 65 milhões e 700 mil €onios-ano livres de imposto. O preço do tal Falcon 7x p-t-o, de que falávamos há pouco que até poupa em combustível. Sejamos ecológicos: Vou voando já comprar um.

do baralho. Todos paus mandados fechados em copas¹⁷.

O problema é que as contas não batem certo, como insiste em afirmar lenta e afirmativamente o nosso único rei mago, que entretanto mudou de sexo.

E o primeiro que pergunta a Rainha ao leporídeo é: “- *E então? O que é do à Nora Vamos?*” ao que o oryctolagus cuniculus responde tac ao tac: “- *Der à Nora Vamos ist aufgeräumt*”. “- *Cortaste-lhe a cabeça?*” perguntou outra vez “-*Ich schnitt es er 38 Prozent*” respondeu-lhe o Coelho, que imediatamente percebeu que tinha cometido uma gaffe. Não pelo seu alemão, que mesmo inventado pela Google-Translator era suficiente para que a vermelha dama nem desse por isso; mas por não ter dito com clareza que o FeRandom à Nora Vamos em lugar de estar *kaputt*, estava miseravelmente *shnitt*, a uns míseros 38 por cento.

O incauto lagomorfo tentou corrigir o tiro dizendo quase instantaneamente: “- *Ich bedeutet... 38 Prozent seines gesamten, Kopf enthalten*”. “- *Ach so*”, acalmou-se a Rainha das Caldas e de todo o Teatro, no mesmo momento em que, quando ninguém o esperava, salta-lhe a tampa do Sarkófago ao recém chegado múmia Hollando-francês, que, para parecer à altura das circunstâncias, da outra Frau madame do FMI e dos acontecimentos, põe-se a in-qui-qui-ri-ri francamente indo-lhe aos cornos ao nosso coitado Kaninchen: “- *Et les autres? Et l'Álvaro?*” “- *L'Álvaro rien... l'Alvaro est l'un des nôtres...*” “- *Mais non mon lapin, pas cet Álvaro là, l'autre...*” “- *Ab! De l'autre on ne sait rien, et d'ailleurs, à vrai dire, il n'est même pas vraiment portuguais-portuguais na totalidade, il a beaucoup de sotaque. Nous seulement le considérons portuguais fiscalement, pour qu'au moins il paye quelque chose.*”

A grande decisão

O importante é que aí a coisa ficava clara: Nada de teatro.

Essa é que era a premissa. O teatro passava a ser um monopólio

¹⁷ Ou seja, sem ouros.

não de Estado, mas da classe política¹⁸.

Intervalo, Didascália e Fim

Aqui estaria agora indicado “Intervalo”. Mas não posso jurar a pés juntos de que se tratasse de uma didascália. Tratar-se-ia de algo parecido com a palavra “Fim” no fim dum texto, que não se sabe bem se está do lado de cá ou do lado de lá do texto. Ou seja, em relação a isto do nosso intervalo: “- *É um intervalo mas pode não ser*”, como diria o Marcelo Rebelo de Gorgias.

Seja como for, o que é pena é que isto não tenha sido previsto com antecedência. Desse modo teria sido possível pôr publicidade.

É que é no intervalo, na publicidade, que agora está o espectáculo. Todo o espectáculo. Quase todo. Aquilo que não era conveniente fazer nos teatros é o que agora se faz por todo lado na apelativa sujidade espectacular da sociedade do espectáculo. Vejam só: A Apple. A Apple é linda, é *clean*, *appelativa*, e muito mais *smart* que *phone*: Tributa só 2,5% dos seus lucros fora dos Estados Unidos, enquanto muito mais da metade¹⁹ das suas vendas são feitas no estrangeiro. Bravo os Esmolfes! E não é só maçãs: Google no ano 2011 teve um lucro no estrangeiro de 7.600 milhões de dólares, que somados aos 4.700 milhões ganhos nos Estados Unidos, perfaz um lucro total on y offline de 12.300 milhões de dólares – um um e muitos zeros a seguir –, dos quais pagaram impostos ao tesouro norteamericano por um valor de 2.341 milhões, enquanto para toda Europa²⁰ pagaram 248 milhões. Deve ser porque apanharam a época dos saldos!

¹⁸ E dos midia.

¹⁹ Em realidade 60% e isto segundo uma fonte pro-appeliana: <http://venturebeat.com/2012/10/25/only-60-of-apple-revenue-is-not-made-in-the-usa-and-thats-a-problem/> e si o *problem* interessa-lhe realmente consulte <http://www.ibtimes.com/ge-pfizer-microsoft-apple-other-major-us-corporations-are-parking-more-cash-abroad-avoid-paying>

²⁰ Que neste caso é um eufemismo para os cofres irlandeses, visto que foi lá que foi a parar praticamente tudo esse pouco dinheiro.

Mas há mais, muito mais... Há muitos mais que enriquecem à custa de não pagar nenhum ou quase nenhum imposto pelas suas lucrativas e novíssimas actividades neste velho e incontinente continente: Microsoft, Facebook. E disto tudo, o ex-empobrecido Urânio Barroso, neo-enriquecido à base de *salarium giga bruxelensis* faz como que não sabe nada.

E assim é então, que depois do intervalo e da venda de gelados e das participações nas empresas do estado, a coisa recomeça:

A solução final : O fado dos ministérios

Voz off do Coelho que diz ao Dantas que dantes era Piegas: “- *Vai-me chamar a Desgraça Moura*”.

A nossa Desgraça Moura vinha já com o último fado que nos tinha descomposto: Acompanhado pela maravilhosa Katia-Mariza, guerreira e nacional, lá estava o cavaquinho para com ele nos dar um novo alento e mote orientador, remodelando a direcção das novas direcções e dos entes reguladores que desregulam as nossas vidas e vidinhas.

Remodelemos.

Música maestro:

Ministério das Finas Danças

Ministério da Disfunção Pública

Ministério da Ergonomia

Ministério da Aceleração Particular

Ministério do Ponto Morto e da Marcha Atrás

Ministério do Malabarismo e da Corda Bamba – Secretaria de Estado da Queda e dos Joelhos

Ministério da Bola e das Altas Esferas – Secretaria de Estado dos Santos Jogos Misericordiosos

Secretaria de Estado das Patentes, da Bulimia e dos Pastéis de Nata

Secretaria de Estado da Vadiagem e dos Tachos no Estrangeiro – Direcção Geral do Acordar e da Ressaca

Secretaria de Estado do Dominó – Direcção Geral do Desmoronamento

Ente Regulador da Meteorologia e das Grandes Marés
Ente Regulador do Bom Gosto, do Sorriso, dos Imprevistos e Por
Aí Fora.

E por aí fora.

“- Isto poderia ser uma versão. Mas há outras”, explica depois o encavacado cavaquinho enquanto preside à reunião da Associação Auto-imóvel de Portugal, por exemplo a do fado Partido: **(Direito de Antena. Previsto no artigo 59 da Lei número 27/2007 de 30 de Julho:)**

Fa-Do Partido

E lá, sem poder conter-se e ficar mais tempo calado, diz enquanto ia indo Fray-Cisco Xavier, o Indo-Português do Partido:

“- Eu cá tenho inteiro o fá do partido”.

E ainda diz mais ainda o indo Português todo Partido do Partido Indo Português: cá vai: é assim: ouçam: calem-se: silêncio: vai-se cantar o fá. E depois o dó.

Partido

Partido Inteiro

Partido Unido

Partido Unido Inteiramente

Partido Todo Unido

Partido Todo Partido

Partido Todo Inteiro

Partido Inteiramente Partido

Partido Inteiramente Partido Inteiro Todo Unido ao Partido Todo Partido

Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido Partido pelo Partido

Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido Partido pelo Partido Inteiro

Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido Partido pelo Partido Inteiro Unido ao Partido Unido Inteiramente

Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido

Partido pelo Partido Inteiro Unido ao Partido Unido Inteiramente
Inteiramente Partido pelo Partido Todo Unido Todo Inteiro

Partido

Partido Fá

Partido Dó

Partido Ré

Partido do Repartido

Partido do Ré repartido ~~em Fá e Dó~~

em Fo em Di e em Do

Gregos e, não havendo troianos, palhaços

“- Excelente! Isso! Viva o Partido! P-P-R-F-D-e-D !! P-P-R-F-D-e-D !! P-P-R-F-D-e-D ²¹!!

“- Aveirenses !! : Chega de queixas e queixinhas !! Basta de palhaços a tentar cuspir na sopa do nosso esforço coeso e nacional !!” queixa-se num arranque de má leite a corifeia Manuela Ferreira. Coisa esta que não escapa ao apressado passo do Coelho que anota (“...na nossa sopa...”) para não esquecer a frase e a dizer depois na próxima

²¹ *“Assim é que é: Mais futebol e menos alfabeto: Temos um glorioso Cristiano Ronaldo, agora falta-nos completar com um Budisto Nixonio, um Muçulmanão Busbo, e ainda um Judeuzinho Obaminho, e com sorte podemos desencantar ainda até um Agnosticano Kenedynho. Se com a pressdença do Reganzinho Mourinhizado já quase nem sequer foi preciso fazer campanha, imagine-se se tivéssemos todos esses craques. Assim é que dava gosto governar. Inclusive, se tivermos que respeitar as quotas femininas, nem sequer isso vinha a ser complicado: passaporteávamos uma Iurdina Dilma Gaúcha para vir jogar connosco e os nossos rapazes, que, se calhar até apreciam, os safados”,* apita dourada e electrodomesticamente apagando o televisor o major Major de Gondomar, depois de observar o comportamento dos chimpanzés selvagens nos seus estádios e estágios durante alguns meses para tentar transformar os seus eleitores em clones de si mesmo. E o herói da independência, do fundo do seu estatuto de eminência ética do Partido-Partido-Em-Dois-Partidos-Inteiramente-No-Poder remata: *“- Assim é que safávamos de vez de tanto palhaço a tentar cuspir na sopa”...*

reunião em Bruxelas enquanto olha cinicamente para os gregos...
“- *Gregos e palhaços. Isso é que é*”, pensa. Finalmente uma iluminação, algo para atirar às feras e acalmá-las. “- *Uma ideia decente, bom, decente não, mas consensual, isso sim, e que desvia a atenção da inoperância da... De mim. Boa. Os amigos e colegas vão estar todos de acordo.*”

Um acordo muito mais que ortográfico. Agora é só avisar a imprensa.

E para festejar decide criar dois novos ministérios, um maxistério, um megastério e três pequeníssimos microstérios para que a rapaziada da jotaesedé também tenha com que brincar.

Uma vez já em Bruxelas, onde o coro de gregos declama mais uma vez tragicamente: “- *É o destino, é o destino, é o destino*”, fundindo dramaticamente em lágrimas tragédia e falta de comédia, perdão, falta de comida: *Panes et circensis*.

Circunstancia à qual, sai ao passo o Coleho, que para distingui-se e nos adverte com cara de bom aluno: “- *Olhem que nós marcamos o Passos. Nos não somos os gregos*” acompanhado esta vez por um coro académico de cavaquinhos.

Ao que responde em coro o coro grego “- *Tomara fossem, tomara fossem, tomara fossem*”, ao qual, indignados junta-se uma quantidade de troianos fartos e antagonistas de tanto protagonismo.

Confrontados a eles e pardamente vestidos, o agrupamento de antoniopedrovasconcelheiros e a camerata académica de votodependentes retoma litánicamente o coro bem comportado : “- *Nos não somos gregos! Nos não somos gregos! Nos não somos gregos!*”, perante ao qual, o grupo de alentejo-troianos com o número aumentado continua a responder : “- *Tomara fossem, tomara fossem, tomara fossem*”. “- *Nos não somos portugueses! Nos não somos portugueses! Nos não somos portugueses!*”, “- *Tomara fossem, tomara fossem, tomara fossem*”. “- *Nos nem somos gregos nem portugueses! Nos não somos portugueses! Nos não somos gregos! não somos espanhóis! não somos italianos! Irlandeses!*”, “- *Tomara fossem, tomara fossem, tomara fossem*”, respondem uma e outra vez, inumeráveis e vindos de todas partes os gregos alentejo troianos que já não aguentam mais tanto circo romano²², e depois, de norte a sul, entoam o dolaroso cântico: “- *O*

²² **O Circo Romano Prodi apresenta:** Corifeu contra Colosseo. Prodi encontra Berlusconi. David contra Golias.

Euro é que é o Dracma”.

“- Nós cumprimos” – insiste, depois de um calculadíssimo silêncio comprido tentando parecer convincente o nosso petiscável mamífero – “vamos cumprir, faremos qualquer sacrifício, quer dizer, faremos fazer qualquer sacrifício”, enquanto algazarram em trio os três troikos assistidos por outros papistas mais despistados que o Ratzinger : “- Não há nada mais sustentável que a insustentabilidade”, sem deixar escapar uma lágrima. Nem que fosse pelo destino. Isso é que é fado.

Mas não é assim que são as coisas.

Por agora.

As coisas são como são.

Por agora.

II

(entremêses
entre meses)
3,8 38s curtos

1

- Tristezas não pagam dívidas, ministra Álvaro. O Álvaro ministro.
- É o destino, declama tragicamente o coro de gregos.
- Alegrias também não, sarkofica Passos ao coelho corifeu, como lhe tinha pedido a Merkel já há tempos que sarkoficasse.
- Alegrias mais que fado é flamenco, entoa guerreira a Katia-Mariza sempre acompanhada pelo cavaquinho.
- E o flamenco, sabe-se, é um queijo holandês pintor. Afirma afirmativamente o matrimónio parental da inhumanidade, que em nada desmerece.
- E que ainda dá orçamentos de estado, aprova o pater famílias do tio.
- Tristezas não pagam dívidas, alegrias não pagam dívidas; nem a tragédia paga, nem o fado, nem o flamenco. Tchau e um queijo, diz Franca e Antóniamente o José ao Loureiro que já viu melhores Dias.
- Como nós: Se nem sequer pagam, ainda menos dívidas, especula o Rendeiro, sem pôr nem pôr. Que ele é só sacar.
- Sem tirar nem pôr, não vejo como é que alguém se pode endividar, e ainda menos pagar, santifica com certo Espírito o Ricardo sem tirar nem pôr, nem a mão no bolso, nem seja o que for.

1,3

- Sem pôr a mão no bolso das calças e tirar, não vejo como seria possível seja o que for ou se aqueixar, queixa-se precoce Strauss-Khan à primeira a passar.
- Estamos fodidas, apercebe-se la garde da directora substituta do FMI, e diz: Usa-me como quiseres...

2,3

- Hay que tomar medidas, argumenta Mr. Smith.
 - Ya medí. Y da 38. El resultado es 38, replica Mr. Wesson.
 - ¿38?, pregunta Mr. Smith, y rápidamente repregunta: - ¿por cierto?
 - Por ciento, responde Mr. Wesson, que rápidamente rerresponde: - Por cierto que por ciento.
 - ¿De corte? le rerrepregunta Mr. Smith, y automáticamente Mr. Wesson le rerrerresponde : - Y queda corto. Dice Mr. Colt que queda corto.
- A esto le rerrerrepregunta Mr. Smith: - ¿Queda corto como recorte?
- Si, por cierto 38 % es un recorte corto. Al menos para Mr. Colt, dice con silenciador casi Mr.Wesson, que ya no rerrerresponde pero continúa hablando: - 44 ya era mas

largo, al menos según Harry, metralla Mr. Wesson que cocontinúa: - al menos 44 ya daba para magnum.

¿Qué Harry? rerrerrrerpregunta Mr. Smith que como los niños no se cansa de preguntar y rerrerrerrrerpreguntar.

- Harry, el capitán sucio, cococontinúa diciendo ya sin rerrerrerrrerresponder Mr. Wesson cansado de tanta pregunta y rerrerrerrerrrerpregunta.

- Mr.Remington, tome nota de todo, veamos si la máquina de escribir que inventó en el fin de semana al final sirve para algo. Dicen que dijo Merkel y que después Holland & François Holland comentó luego: - Y ya veremos si consigue ser mas útil la ametralladora que inventó durante esta semana, que esa sí que sirve para mucho y ya ayudó a bajar el índice de desempleo rápidamente.

3,3

Credores europeus exigem à Grécia 38 alterações na política fiscal e despesa pública. Mudanças terão de ser cumpridas até final do mês e são o preço a pagar pelo segundo programa de ajuda no valor de 130 mil milhões de euros. De acordo com o *Financial Times*, que cita um documento de 90 páginas, as medidas são o preço a pagar pelo segundo programa de ajuda no valor de 130 mil milhões de euros. O que dá um custo de 1.444.444.444,44 € por página.

As mudanças recomendadas nesse documento terão de ser efectuadas até ao final do mês e abrangem medidas de política fiscal, despesa pública e negociações salariais. As medidas incluem áreas tão diversas como a diminuição drástica de stocks mínimos

de petróleo, de seguros de saúde, prescrição de medicamentos e alimentação, e são descritas como acções prioritárias. A Grécia terá também de liberalizar profissões como os guias turísticos, fabricantes de antiguidades, maquilhadoras e outros trabalhadores do sector de branqueamento de capitais, e fundir sectores de actividade como colectores de impostos, de lixo e vendedores de automóveis e imóveis.

Vários sectores vão ser privatizados na brevidade, como os museus e sítios históricos, as praias, os passeios, as escadas fixas e rolantes, e as passadeiras. E a seguir prevê-se a privatização da contestação popular, das greves, as manifestações, os cocktails molotov e o futuro.

O ministro da Adversidade adverte no entanto que o Governo travará qualquer intento de privatização do sector, e que a adversidade seguirá sendo ~~propriedade~~ propriedade de prioridade do Estado e do povo gregos.

3,8



por enquanto...

- O meu Smith & Wesson não tem nada de especial, é uma Merkel, diz François Hollande de Holland & Holland by appointment of her majesty the Queen.
- Um euro-drama Real.
- O verdadeiro dracma.

III

**38 com silenciador:
Coelho à caçadora em 38 passos**

Caça do Coelho:

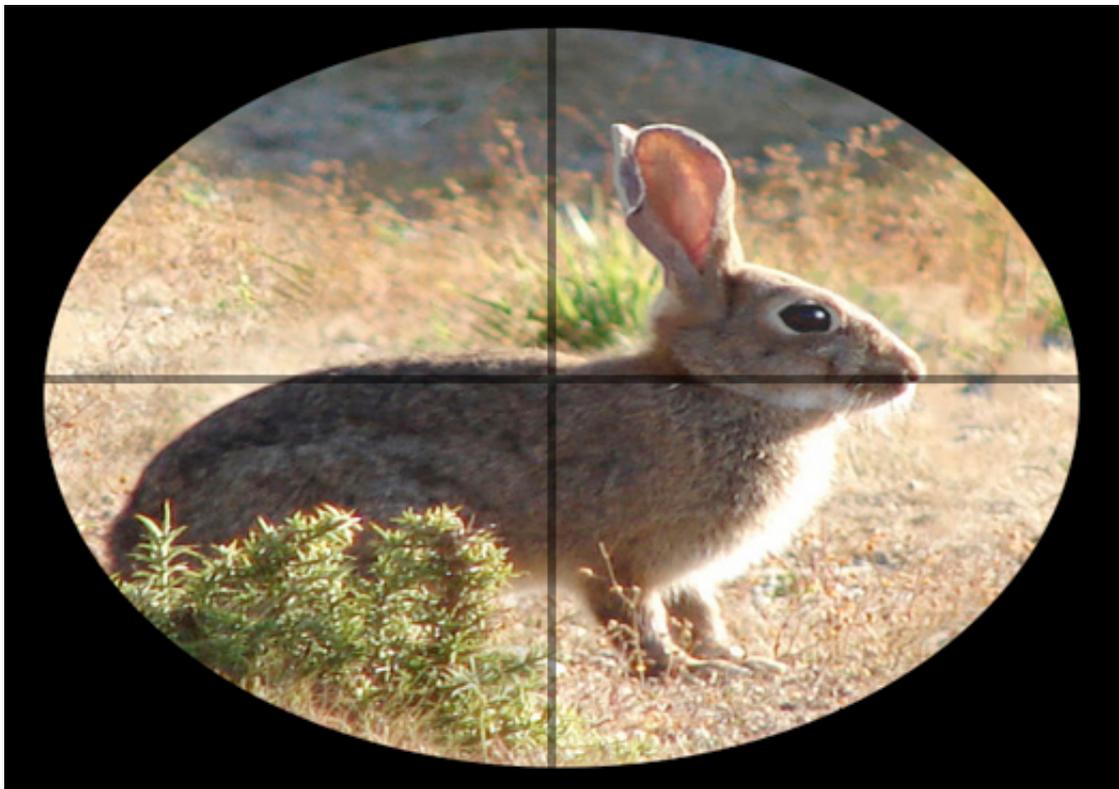


Caçadora com experiência e grande espingarda, a Rainha Vermelha, fabricante excelente e excelente atiradora, afina sua pontaria nestes últimos anos dedicando-se ao tiro ao Coelho.



O Coelho tem estatuto jurídico de *res nullius*, além de ser considerado praga e a sua abolição ser absolutamente compatível com a directiva 92/43/CEE do 21 de maio 1992 - 28.

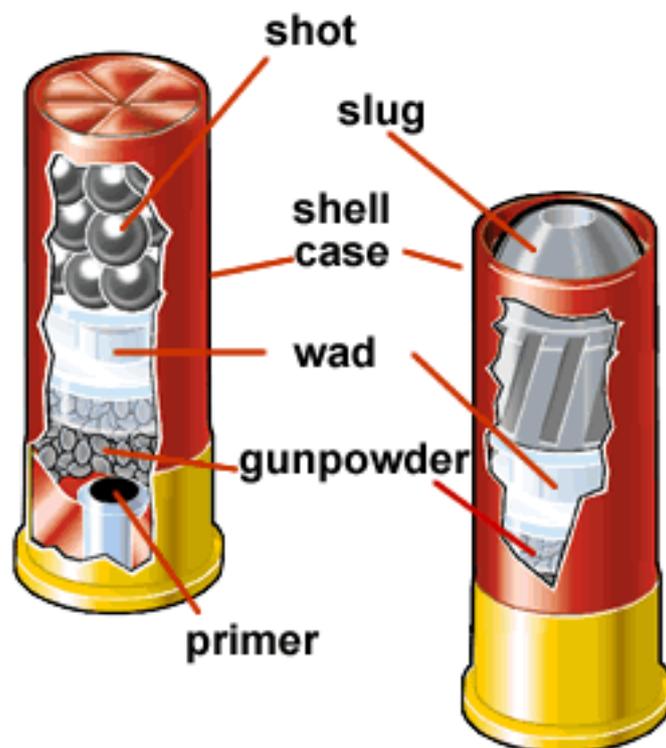
A elegância e graça com a qual nossa primeira ad-ministra aponta ao bicho, seguindo com a arma os seus grandes passos em zig-zague e adiantando e recuando o swing, para logo efectuar o disparo dispondo apenas de algumas décimas de segundo para premir o gatilho e depois, vir a corrigir o melhorar o tiro com um segundo disparo e assim matar ou rematar o animal.



A caça ao coelho e bastante técnica e conta com muitos obstáculos.



Ficou definitivamente fixado o período de caça ao Coelho como indo desde Setembro até Dezembro. Isto permite às gestoras – entenda-se as gestoras das entidades zonas de caça, e não só as senhoras Merkel ou Lagarde – a possibilidade definir o seu calendário venatório em cada região de acordo com os seus critérios. Não podemos esquecer que as realidades da caça são muito diferentes de norte a sul do país, apesar de ser pequeno. Para dar um exemplo no sul do país em Dezembro as coelhas femeas quase todas já andam grávidas e é crime caçar-as-os sem proceder primeiro à realização dum aborto.

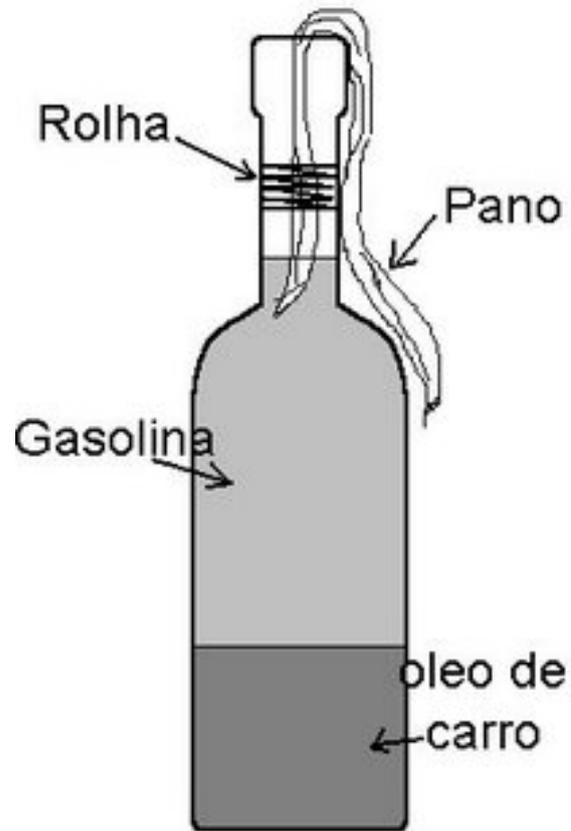


Munição:

Use preferentemente J&G especial caça de 38 gramas chumbo 6 com pólvora A1SP. Mas se vos fizerem um bom desconto, então os cartuchos de 30 ou 32 gramas com pólvora AS(A2) - polvichumbo competition ou polvichumbo super caça 32, também são bons.

Para os tordos é melhor utilizar a super gt-f1 de 28 gramas 7,5 com a pólvora CM, que os atordoia. Ou então melhor ainda deixar estar o tordo tranquilo que o coitado não tem nada a ver.

Mas o ideal—ideal para a caça do Coelho é o cocktail Molotov.



Ingredientes:

1 coelho
Vinho tinto
Farinha
2 colheres de sopa de margarina
4 colheres de sopa de azeite
2 cebolas
1 alho
Sal
Cravinho

Pimentinha

1 folha de dias loureiro

2 tomates



Preparação:

Ponha o coelho (cortado em bocados) a marinar no vinho tinto com as cebolas e o alho cortados às rodelas, sal, pimenta, cravinho e o louro.

Tire os pedaços de coelho da marinada (e separe o liquido, sem desperdiçar nada), passe-os por farinha e aloure-os na margarina e azeite.

Junte ao coelho as cebolas, os alhos, o louro, (ou seja, a parte "sólida" da marinada) e os tomates:

Pelados e cortados aos bocados.

Deixe ferver um pouco, junte o liquido da marinada e rectifique os temperos.

Tape e deixe cozer suavemente até o coelho estar macio.



Dica:

Quando de mata o coelho deve recolher-se o sangue para uma tigela onde previamente se deitou o vinagre. Mexe-se e reserva-se. Corta-se o coelho aos pedaços, as cebolas e o tomate às rodelas finas e o presunto às fatias. Picam-se os dentes de alho. Num tacho de barro dispõem-se camadas alternadas de cebola, de coelho, de tomate e de presunto, sendo a primeira camada de cebolas. Tempera-se cada camada de coelho com o alho picado, sal e pimenta. Espalha-se por cima a banha, a salsa e o louro. Tapa-se o recipiente e leva-se a cozer em lume brando. Na altura de servir adiciona-se o sangue a que se juntou o vinho. Leva-se ao lume para uma fervura rápida e serve-se com batatas cozidas.

HOLLAND & HOLLAND'S

Field and Trap Guns



Royal de Luxe
SELF-OPENER

HOLLAND & HOLLAND'S DE LUXE MODEL hammerless ejector shotguns are for the sportsman who desires and appreciates elegance and beauty combined with sheer streamlined utility. These guns are built by craftsmen of the highest skill using materials of the finest quality specially to fit the style and build of the user. Produced only in relatively small numbers shotguns of this quality cannot but appreciate in value whilst giving decades of pleasure in the field. Regarded as works of art these guns stand apart from any other weapons produced in this century.

There is no standard specification for the Royal de Luxe guns since they are built exactly as the sportsman requires them. The barrels, which are of English best steel, are made to any length from 25-inches to 30-inches and with any degree of choke. The stocks are carved from well figured French walnut to whatever style and measurements desired.

A special feature of these guns is the HOLLAND SELF-OPENING system which makes rapid reloading possible. Smooth in operation and easy to close there is no better easy opening system applied to shotguns.

Holland's hand detachable locks are fitted unless customers ask for a plain screw instead of the lever. The safety can either be automatic or non automatic and double or single triggers according to choice.

LIGHT GAME MODEL for most British or Continental field shooting. Usually with 2½-inch chambers but also chambered for 2½-inch field load cartridges.

WILDFOWL AND TRAP MODEL for long range shooting using heavy load cartridges or for competitive live and clay pigeon shooting where a heavier gun is indicated.

Weights of above models and other details given on pages 2 and 3.

A metáfora é a metáfora da metáfora ²³. Fora do aspecto metafórico da metáfora, a metáfora deixa de ser metáfora para metaforicamente passar a ser uma frase que diz o que diz sem outro significado que o seu significado. Que significa o que significa. Uma frase que significa o que significa. Isto significa que o significado da metáfora para além daquilo que quer significar metaforicamente fora do seu significado literal, significa metaforicamente em si uma

²³ Literalmente, a metáfora é a metáfora da metáfora. Fora do aspecto metafórico da metáfora, a metáfora deixa de ser metáfora para metaforicamente passar a ser uma frase que diz o que diz sem outro significado que o seu significado. Que significa o que significa. Uma frase que significa o que significa. Isto significa que o significado da metáfora para além daquilo que quer significar metaforicamente fora do seu significado literal, significa metaforicamente em si uma metáfora sobre a significação literal da realidade não metafórica da metáfora.

metáfora sobre a significação literal da realidade não
metafórica da metáfora.

Literalmente.

VIII

epílogo

*“And hither am I come
An epilogue arm'd, but not in confidence
Of author's pen or actor's voice, but suited
In like conditions as our argument.”
Shakespeare, almost...*

Este epílogo crê-se um personagem shakespeariano. Toma-se pelo prólogo de *Troilus and Cressida*, ou pelo Puck do final do *Midsummer's Night Dream*. Coitadinho.

As palavras.

As palavras enganam.

Valor assegurado ? Vantagens fiscais ? Investimento seguro ?
Seguro ? Investimento ? Fragilidade do sistema ? Investimento de
risco ? Má praxis ?

As palavras enganam ?

Responsáveis políticos ? Sistema financeiro ? Correção dos
desequilíbrios globais ? Não há alternativa ?

O que é evidente é que há uma falha. Mais do que uma. E há outra
falha, que é intelectual.

Algumas palavras sobre as palavras então:

O problema talvez não esteja em encontrar soluções para a crise
económica, mas em pensar sempre que tudo se resume e explica
em termos económicos e que a situação que estamos a viver é
económica e definida com o termo crise.

Mas isto não é uma crise: O que estamos vivendo é um roubo
massivo. Que na linguagem dos comunicadores do poder se
chama reajuste. E o que é que se reajusta? A distribuição de bens.
E os bens medem-se em termos económicos porque ficou
decidido que tudo deve ser entendido e organizado em termos
económicos.

A situação é crítica se se quiser. Mas não há crise. Dizemos crise
como um modo de diluir a responsabilidade, normalmente a

própria, a individual e a de classe ou de corporação. Um viajante do metro de Lisboa pode ler na estação Parque que a ética, segundo Deleuze, é estar à altura daquilo que nos acontece. Fala-se de crise para evitar falar de falta de ética, que é mais chato, porque obriga a nos responsabilizar e identificar todos os que criaram tantos problemas sociais.

Mas como o sistema é mais aguentador de aquilo que se pensa, pensam, nos já não estaremos cá para ver o pior. Provavelmente os nossos filhos também não. Aguentador de aguenta e de dor. Das duas coisas. E os nossos netos vão ter que ter a energia e a sabedoria suficientes para encontrar soluções. Como, não se sabe. Porque pelo andar da carruagem a educação e o saber e a cultura vai ser coisa do passado. Do passado longínquo. E o passado já lá foi.

A economia é um meio e não um fim. E já temos a prova que santificar meios é meio caminho andado para os transformar em fins em si mesmos. Essa à lavagem de cérebro que nos é feita. A economia levou-nos à beira do precipício. E agora, se continuamos a pensar em termos económicos, vamos dar um passo em frente. Um passo em frente à beira do precipício.

Nem pense em aplaudir.

Pense.

Nem pense em aplaudir.

Pense no assunto.

E faça. Faça alguma coisa.

O assunto é que temos que fazer alguma coisa.

(Se isto fosse um espectáculo agora haveria mudança de luz, de cenografia, decorado, intervalo, um efeito de som...)



&



by appointment of her majesty the Queen

Fournisseurs brevetés de la Cour de Belgique

38 divisões administrativas e territoriais nas quais teríamos gostado imenso poder representar uma peça de teatro caso de ter tido o dinheiro suficiente para poder produzi-la e apresenta-la :

Douro, Minho, Trás-os-Montes, Dentro do Frigorífico, Fora-de-Validade, Beira Baixa, Beira Alta, Beira Bera, Vale do Ave, Ave César (morituri te salutant), Estremadura, Extrema Estremadura, Estremadura Light, Casino Estoril, Alentejo, Ribatejo, Entretejo, Mota – Engil, Aeroporto da Ota – Alcochete, Algarve Interior, Algarve Exterior, Portugal Incontinental, Madeira, Madeira – Porto Santo, Madeira Porto – Vintage, Região Autónoma dos Açores, Milhazes – Região do Corvo, Açores – Ave – Rapina Grande, Rapina Pouca, Açores Ocidentais Alem Newark, Aquém Bronx, Paris do Luxemburgo, Palops, Cemitério dos Prazeres.